FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 25/04/2022 - 05:59

Macron barra ultradireita na França

Uma democracia resiste

Reeleito, Macron vai enfrentar desafio de compor maioria acrobática no Parlamento a partir de alianças

Mathias Alencastro
Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

A reeleição de Emmanuel Macron é a última derrota da extrema direita francesa no seu modelo tradicional. O segundo turno prova, de uma vez por todas, que a legitimidade política de Marine Le Pen não deriva do seu carisma ou da sua inteligência, mas de sua dinastia, que representa a corrente racista e nacionista francesa desde o pós-guerra.

Depois de três derrotas, ela dificilmente terá condições para liderar o que aparenta ser um processo de transição da ultradireita, com a integração dos elementos mais radicais do lado tradicional desse campo e a ascensão de líderes perturbadores como Eric Zemmour. A marca Le Pen pode continuar no jogo eleitoral por meio da sobrinha de Marine, a jovem estrela Marion Maréchal, mas dificilmente a família manterá o direito quase taumatúrgico de disputar as presidenciais em nome do seu bloco ideológico.

Macron pode se orgulhar de ser o primeiro presidente reeleito em 20 anos. Seus predecessores dificilmente teriam sobrevivido a um mandato rechaçado de revolta, pandemia e guerra.

Sob seu comando, a França decidiu de ser o "homem doente da Europa", impossível de reformar e em desempreguo permanente. A vitalidade econômica alemã não parece mais uma miragem inalcançável e a Guerra da Ucrânia confirmou a posição de Paris como capital geopolítica da União Europeia. Iniciativas memoriais sobre a cumplicidade francesa no genocídio de Ruanda e a guerra da Argélia estão virando uma página na história da França.

A questão é se o rei vai ter um reinado. Organizado em torno do projeto individual do presidente, a República En Marche terá dificuldades em designar um sucessor ao seu criador e idealizador intelectual. A França Insubmissa, coalizão de diferentes eleitorados, dificilmente resistirá à partida de seu líder, Jean-Luc Mélenchon.

Nesse contexto, as tradicionais conversas pós-presidenciais sobre as estratégias dos partidos e o destino das lideranças não fazem muito sentido. A chance é alta que, daqui a cinco anos, nenhum dos figurões da paisagem política francesa esteja mais aqui.

Esse momento de transição torna as eleições para o Parlamento francês, que vão se realizar em junho, as mais incertas da história. Delas dependem a viabilidade do futuro governo Macron, que provavelmente terá de compor uma maioria acrobática através de alianças com o que resta de ecologistas, conservadores e socialistas.

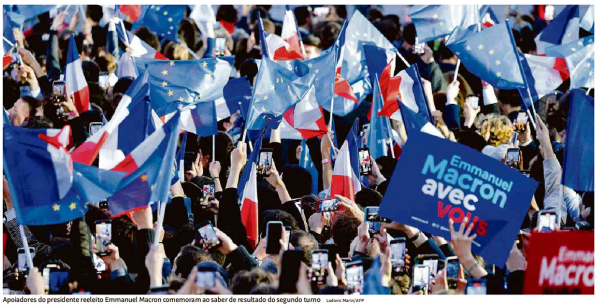
Acompanhada por uma audiência mundial e certamente apresentada como um momento de verdade para a Europa, a eleição francesa também será lembrada pela mobilização internacional. A mensagem de apoio a Macron da parte de Lula na véspera do segundo turno coincidiu com manifestações públicas, e algo inéditas, de governantes de Espanha, Alemanha, Portugal e Itália.

Num momento em que Jair Bolsonaro (PL) voltou a flertar com o vandalismo eleitoral, o episódio cria um precedente importante para o Brasil. A democracia está fragilizada, mas a eleição francesa mostra que a Europa e a América Latina ainda estão dispostas a luta por ela.

[...]

Apresentada como um momento de verdade para a Europa, a eleição será lembrada pela mobilização internacional

| SIG. Mathias Alencastro | **QUA. Lúcia Guimarães**
| SÁB. Tatiana Prazeres, Jaime Spitzcovsky



Apoiadores do presidente reeleito Emmanuel Macron comemoram ao saber de resultado do segundo turno Ludovic Marin/AFP

Apoiadores celebram vitória de Macron com alívio e Daft Punk

Multidão celebra, mas com alerta para pleito legislativo e avanço da ultradireita

Alexandra Moraes

PARIS Assim que a projeção da vitória de Emmanuel Macron apareceu no telão, os militantes que se reuniam no campo de Marte, com a Torre Eiffel ao fundo, comemoraram com gritos e bandeiras da França e da União Europeia. Num palco, a equipe de Macron fez de "One More Time" (mais uma vez, em inglês), o maior sucesso do duo francês Daft Punk, também o seu tema da vitória.

"Estávamos bastante apreensivos", diz Luiz de Oliveira, 56, vice-presidente de uma empresa de TI, ao lado da mulher, Céline, 44, professora de francês. "Sou da geração que viveu o fim da ditadura no Brasil. Para a gente, a perspectiva de ver um partido da extrema direita ganhar porque as pessoas não querem votar é triste."

A esposa ratificou a declaração: "Não queremos a extrema direita na França e vamos derrubar Bolsonaro no Brasil".

O executivo, que vive em Paris há 20 anos, agora se diz preocupado com as eleições legislativas marcadas para junho, que podem se tornar a verdadeira pedra no sapato do presidente reeleito. "Tanquanto movimentos antidemocráticos prosperaram na Hungria, na Polônia, mesmo nos EUA, a França teve Macron. Eacho que ele conseguiu executar bastante coisa mesmo num cenário desfavorável."

A esposa, segurando cartazes de apoio ao político de centro-direita, lembra que ao fim do mandato de cinco anos de François Hollande (2012-2017), o país estava mal. "E agora, mesmo com os Coletes Amarelos e a pandemia, Macron conseguiu nos conduzir bem. Claro que nosso débito explodiu, mas foi para garantir o bem-estar das pessoas durante a crise sanitária. Agora o resultado está aí."

A preocupação com o poder de compra, em meio a um momento de alta da inflação e de crise no abastecimento de energia, foi a principal na hora de definir o candidato, de acordo com pesquisas realizadas nos dois turnos do pleito.

"A extrema direita não passará nunca na França", ela completa, apostando na parceria de Macron com o primeiro-ministro da Alemanha, Olaf Scholz. "Eles vão fazer a União Europeia avançar."

Famílias com jovens e crianças pequenas também encheram o campo de Marte na tarde parisiense, à espera de Macron —o presidente reeleito apareceria para discursar pouco depois das 21h30, pelo horário local (18h30 em Brasília). Reconhecera que a França saí da eleição como um país dividido, e prometeu: "Ninguém vai ser deixado para trás. De agora em diante, não sou o candidato de um partido, mas sim o presidente de todas e todos".

Afirmou ainda que seu segundo mandato não será uma continuidade e prometeu cinco anos melhores para o país e para os mais jovens. "Não devem ser anos tranquilos, mas serão históricos."

Nascida na Alemanha, Andréa Limé era uma das presentes que levaram a família inteira: o marido, Éric Baldassari, 51, e os filhos de 17, 11 e 8 anos. "Somos um casal binacional. A União Europeia tem que ficar mais forte, não menos", afirma o parisiense Éric.

"É importante que nossos filhos vejam a comemoração de hoje", completa Andréa, que afirma se preocupar com os próximos cinco anos num país em que pouco mais de 40% dos eleitores escolheram Marine Le Pen. "E que Macron aplique seu programa de reindustrialização sem perder de vista a preocupação ambiental."

> E agora, mesmo com os Coletes Amarelos e a pandemia, Macron conseguiu nos conduzir bem. Claro que nosso débito explodiu, mas foi para garantir o bem-estar das pessoas
>
> **Céline, 44**
> professora de francês

Fora da militância, Manon, 14, estava curiosa para acompanhar o trabalho dos jornalistas e circulava sem cartazes na multidão. O pai, Jean-Paul, 52, a acompanhava ("ela quer ser jornalista desde pequena") e não chegava a comemorar. "Não votei em Le Pen, caso contrário nem teria vindo", conta, à maneira dos franceses, em geral avessos às declarações públicas de voto.

"Acho que Macron terá muito trabalho pela frente. Cinco anos atrás, ele era uma esperança, mas hoje tem mais responsabilidade, porque precisa resgatar o espírito republicano da França."

"Eu pensei que a vitória seria mais apertada. Foi uma boa surpresa", diz Françoise Dimopoulos, 62. Para Aksoi Icioygul, 50, "essa vitória é um alívio". A estudante Lisa Bevada, 22, se dizia "muito feliz e queria dividir a alegria com outros militantes". Enquanto isso, enrolado numa bandeira da França, o também estudante Eloi, 17, esperava o presidente. "Vim para vê-lo!"

Após superar desgastes, reeleito deve continuar a ser presidente de crises

Michele Oliveira

MILÃO Cinco anos após chegar ao poder como um novato, Emmanuel Macron, 44, resgatou, neste domingo (24), uma tendência que andava fora de moda na França havia 20 anos —a reeleição. Antes dele, só Jacques Chirac (1995-2007), François Mitterrand (1981-1995) e Charles de Gaulle (1959-1969) haviam sido eleitos para um segundo mandato na Quinta República francesa, como é chamado o período após 1958.

A vitória de agora foi mais apertada do que aquela que o levou ao poder em 2017 e veio marcada, no discurso da vitória, pela promessa de mudanças e por acenos a outros campos, vindos de um sujeito que assumiu se dizendo "nem de esquerda nem de direita". O peso de ter novamente barrado a ultradireita, porém, tem simbolismos importantes.

"É um sinal de reforta-lecimento para ele, porque a chance de vitória de Marine Le Pen pareceu muito real no primeiro turno. E, de alcança algo que os dois presidentes que o antecederam não conseguiram", avalia Sylvain Kahn, geógrafo e professor de assuntos europeus do departamento de História da Sciences Po, em Paris —a referência é a Nicolas Sarkozy e François Hollande, que se limitaram a um mandato.

Poucos poderiam imaginar que aquele candidato de 2017 chegaria tão longe. Novato, tanto pela idade como pela trajetória política partidária, Macron se tornou presidente aos 39 anos, o mais jovem da história do país —antes dele, só Luís Napoleão Bonaparte, em 1848, aos 40. E chegou ao poder sem ter sido eleito para um cargo.

Depois de trabalhar para o banco Rothschild (o que contribui ainda hoje para a pecha de "presidente dos ricos"), tornou-se secretário-geral-adjunto da Presidência sob o socialista Hollande, de quem também foi ministro da Economia entre 2014 e 2016. Deixou o governo para lançar o próprio partido, A República em Marcha, que, nas eleições legislativas de 2017, conseguiu 328 cadeiras e lhe garantiu a maioria na Assembleia Nacional.

Ascendeu como um político independente, prometendo romper com a política tradicional e se posicionando como um centrista radical. Hoje considerado de centro-direita por sua política reformista liberal, é apontado como um dos responsáveis pelo colapso dos dois partidos históricos, socialistas e republicanos. Ao mesmo tempo, viu uma maior mobilização entre os eleitores de candidatos com discurso radical antissistema.

Casado desde 2007 com Brigitte Trogneux, 24 anos mais velha e que foi sua professora na escola, Macron não tem filhos.

Conturbado tanto no âmbito doméstico quanto no externo, seu primeiro mandato foi marcado, na primeira metade, pelo movimento dos Coletes Amarelos, uma série de manifestações de rua que o forçou a recuar de uma taxa que aumentaria o preço dos combustíveis. E, na reta final, pelos dois anos da pandemia de Covid-19 e pela Guerra da Ucrânia.

Foi na crise sanitária que Macron fortaleceu seu protagonismo como líder na União Europeia, uma bandeira desde sempre na origem de seu posicionamento.

Enquanto é reconhecido por ter tornado a França mais atrativa para os novos negócios e pela recuperação interna da crise econômica causada pela pandemia —o desemprego é o menor em quase 14 anos—, ao mesmo tempo encontra um país dividido e abalado pelo custo de vida em alta nos últimos meses, um dos impactos do aumento do preço da energia.

"Foi uma Presidência muito mais forte na política externa e mais fraca internamente, o que se pode notar pelos resultados do primeiro turno e pela falta de apoio entre os jovens", avalia a analista Teresa Coratella, do Conselho Europeu de Relações Exteriores. Na faixa entre 18 e 34 anos, Macron teve menos votos do que seus adversários principais, Le Pen e Jean-Luc Mélenchon.

Segundo Coratella, para o recém-reeleito começa agora o período mais difícil de sua Presidência. No plano doméstico, a missão de melhorar seu relacionamento com os franceses e de convencê-los de que seu projeto europeu não ameaça os interesses nacionais. Internacionalmente, uma guerra dentro da Europa, da qual ainda não se vê a saída.

Ucrânia acusa ataque russo a último reduto de Mariupol

Zelenski afirma ter se reunido com autoridades americanas em Kiev

GUERRA DA UCRÂNIA

SÃO PAULO Forças da Rússia realizaram ataques neste domingo (24) contra a usina de Azovstal, último reduto de combatentes ucranianos na cidade portuária de Mariupol, disseram autoridades de Kiev. O comando das Forças Armadas ucranianas afirmou que a Rússia abriu fogo e realizou operações ofensivas.

"Estamos sofrendo baixas, a situação é crítica [...] Temos muitos homens feridos, [alguns] está morrendo, é uma [situação] difícil com relação a armas, munição, comida, remédios [...] Está piorando rapidamente", disse em vídeo publicado no YouTube o comandante da 36ª Brigada da Marinha da Ucrânia, Serhii Volina, de dentro do complexo. Segundo as autoridades ucranianas, cerca de mil pessoas estariam no local.

Konstantin Ivaschenko, apontado pela Rússia como prefeito de Mariupol após a ocupação, negou que combates estivessem acontecendo, informou a agência de notícias russa Tass. As alegações de Kiev e de Moscou não puderam ser verificadas de maneira independente.

Diante da situação tensa, a Ucrânia propôs neste domingo uma rodada de negociações com a Rússia para debater o destino dos civis, estimados em 100 mil, e dos militares de Kiev que ainda estão na cidade, segundo aliado Oleksii Arestovitch, assessor de Volodimir Zelenski.

As conversas teriam como objetivo estabelecer um cessar-fogo imediato em Mariupol, corredores humanitários em diferentes dias e a libertação ou troca de combatentes em Azovstal. A interrupção dos conflitos para retirar civis também foi pedida pela ONU neste domingo.

Na semana passada, o presidente Vladimir Putin declarou vitória em Mariupol, ainda que tenha ordenado o Exército a não atacar combatentes ucranianos cercados em Azovstal.

Apesar do aceno, Zelenski afirmou no dia anterior que a Ucrânia abandonará as negociações de paz se a Rússia mantiver militares ucranianos entrincheirados na usina. Já em pronunciamento emocionado na milenar catedral de Santa Sofia, neste domingo, quando se comemora a Páscoa ortodoxa, o mandatário afirmou que seu país irá superar "tempos sombrios".

Este domingo também foi apontado pela Rússia como prefeito de Mariupol após a ocupação, negou que combates estivessem acontecendo, informou a agência de notícias russa Tass. As alegações de Kiev e de Moscou não puderam ser verificadas de maneira independente.

Diante da situação tensa, a Ucrânia propôs neste domingo uma rodada de negociações com a Rússia para debater o destino dos civis, estimados em 100 mil, e dos militares de Kiev que ainda estão na cidade, segundo aliado Oleksii Arestovitch, assessor de Volodimir Zelenski.

As conversas teriam como objetivo estabelecer um cessar-fogo imediato em Mariupol, corredores humanitários em diferentes dias e a libertação ou troca de combatentes em Azovstal. A interrupção dos conflitos para retirar civis também foi pedida pela ONU neste domingo.

Na semana passada, o presidente Vladimir Putin declarou vitória em Mariupol, ainda que tenha ordenado o Exército a não atacar combatentes ucranianos cercados em Azovstal.

Apesar do aceno, Zelenski afirmou no dia anterior que a Ucrânia abandonará as negociações de paz se a Rússia mantiver militares ucranianos entrincheirados na usina. Já em pronunciamento emocionado na milenar catedral de Santa Sofia, neste domingo, quando se comemora a Páscoa ortodoxa, o mandatário afirmou que seu país irá superar "tempos sombrios".

Os russos, por sua vez, relataram que um vilarejo na região de Belgorodo, na fronteira com a Ucrânia, foi alvo de bombardeios vindos do outro lado da divisa, mas não houve vítimas ou danos materiais, segundo a agência Tass.

Ainda neste domingo, o presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, conversou por telefone com Zelenski e reforçou a necessidade da retirada de civis de Mariupol. Segundo comunicado da Presidência da Turquia, Erdogan disse que a situação no porto "fica mais triste a cada dia".

O turco prometeu apoio nas negociações entre Kiev e Moscou por um cessar-fogo. "O presidente disse que estará pronto para oferecer toda a assistência que puder durante o processo de negociação, incluindo mediação". Erdogan deve conversar com Putin, nesta segunda-feira (25).

O ex-presidente da Ucrânia Viktor Iuschenko defendeu neste domingo o apoio internacional a Kiev como uma ferramenta essencial para derrotar a invasão russa. "Uma das melhores armas que nós temos agora contra Putin é apoio e solidariedade internacionais. Isso é algo que realmente o incomoda", escreveu Iuschenko, que governou a Ucrânia de 2005 a 2010, em artigo de opinião no jornal The Guardian.

Ele afirma que, mesmo tendo sido alvo de ataques de Putin durante sua campanha eleitoral, procurou manter uma relação de trabalho com o líder vizinho após chegar à Presidência. "Mas o Putin com quem eu lidei não existe mais. Desde então, ele virou um déspota brutal e completamente isolado que não aceita nenhuma oposição."

O papa Francisco reforçou seu pedido de trégua na guerra entre Rússia e Ucrânia em meio à celebração da Páscoa ortodoxa. "É triste que as armas cada vez mais tomem o lugar das palavras. Renovo apelo a uma trégua pascal, o menor sinal tangível de um desejo de paz. Que parem os ataques para aliviar o sofrimento das populações exaustas", disse o pontífice durante missa dominical celebrada na praça São Pedro. Bandeiras ucranianas podiam ser vistas na multidão."

Com Reuters e AFP

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Pagina:** 10 e 11

Copyright © Clipclap 2025.